

DON QUIXOTE

de Angelo Agostini

Largo da Carioca N.º 4 (Sobrado),



LITH. V. ROBIN, FILHO, CORTÉS & C.ª

- S. Ex.º Sr. Seabra. — Pois é com essas porcarias que você alimenta os presos?!...
- S. Ex.º Dr. Cardoso de Castro. — Como chefe de polícia fiz-lhe uma visita, mas nunca me mostrou semelhante...
- Foi esquecimento meu... disse o administrador.
O preso que conduziu o ministro tinha razão. Ajudante e administrador foram demittidos

O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 20 de Dezembro de 1902

Escriptorio e Redacção

LARGO DA CARIOCA N. 4

SOBRADO

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25000	Anno.....	30000
Semestre.....	14000	Semestre.....	16000
NUMERO AVULSO 1000			

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Angelo Agostini, largo da Carioca n. 4, sobrado.

AFFONSO PENNA

A Convenção Republicana reunida no dia 12 do corrente no edificio do Senado Federal escolheu para candidato ao cargo vice-presidente da Republica nas eleições marcadas para o dia 18 de Fevereiro do proxima anno, o prestimoso republicano Dr. Affonso Penna.

O nome d'esse illustre brasileiro dispensa programma e elogios. A sua acção ponderada, erudita, fecunda e patriótica tornou-o geralmente alvo de admiração e respeito no governo do estado de Minas Geraes, cujo destino elle dirigiu em uma epocha de perigos e transformação.

E ahí ficaram honrosamente marcados os seus meritos, o seu valor e competencia.

UM PERIGO AMERICANO

Ha sempre um ponto na terra para onde se voltem os corações e os espiritos rectos, assombrados com a semcerimonia com que governos, que se consideram a frente da civilisação, se aviltam espezinhandando a consciencia e a justiça, sustentando mais do que nunca o direito do mais forte para esmagar os mais fracos e a supremacia da ganancia e da conquista sobre todos os principios retumbantes e humanitarios com que enchem a bocca nos discursos ocos.

Hontem era o Transwaal, antes a China, a Sião, o Egypto, a Grecia, as Philippinas, Madagascar; amanhã será a Tripolitania e Lourenço Marques.

Hoje é a Venezuela, na America, de onde a doutrina de Monroe tinha até hoje mantido afastadas as garras europeas.

As grandes potencias do velho mundo esmagadas pelos colossaes armamentos, precisando afastar o espirito e a attenção publica das questões internas, todas perigosas, pejudicas de ameaças, lançam-se constantemente em emprezas longinquas para intentar preoccupações, afastal-as dos negocios publicos quasi sempre pouco sympathicos.

Junte-se a isso a febre de conquistas animadas pela presença de avultadas forças mantidas em pé de guerra, e aí dos povos pequenos e fracos.

Iniciou-se agora na Europa uma aliança entre a Inglaterra e Allemanha, a França e a Italia contra a Venezuela.

O pretexto foi a falta de pagamento de um emprestimo lançado por aquella Republica em Berlim.

Ora é sabido que por desgraça sua a pobre Venezuela está ha varios annos dividida e assolada por uma guerra civil. Nessas condições não é difficil comprehender que o governo d'aquella nação falte aos seus compromissos; os paizes da Europa quasi todos crivados de *deficits* deveriam fazer esse raciocinio, especialmente Allemanha, que está agora a braços com uma crise tal que a obriga a lançar tarifas monstruosas abrindo guerra commercial com os Estados Unidos e esfomeando o seu proprio povo.

Demais o direito logico não comprehende que se estrangule o devedor para arrancar-lhe a pelle como pagamento.

Mas o governo do Kaiser tem esquadras, soldados, e como possui tudo isso raciocina a seu modo.

Demais a occasião, creada pela terrivel compostura em que se acha a Venezuela era tentadora, e tanto que a Italia excavou umas antigas reclamações de negociantes italianos para entrar na empreza e a França e a Inglaterra, querendo tambem o seu quinhão, alliam-se a Allemanha a pretexto de que o governo do Sr. general Castro não garante as vidas e propriedades dos estrangeiros!...

Pudera! Pois se esse malaventurado presidente não tem meios de garantir tudo isso aos proprios venezuelanos nem mesmo a sua propria pelle!...

Então num paiz que está em guerra civil, o governo tem a obrigação de dar

aos estrangeiros regalias que os proprios nacionaes não têm?!

Tudo isso é uma farça, mera conquista, nada mais.

Pena é que todos os povos da America do Sul, vendo d'esta vez recolhidos aos bastidores os celeberrimos preceitos de Monroe, não tomem uma iniciativa energica e unisona.

Será possivel que o heroico exemplo da republica do Orange, não fecunde a terra americana? Será possivel que se deixe esmagar os nossos irmãos do extremo norte?

O povo venezuelano inteiro já mostrou o caminho. Os revolucionarios em massa, sem uma unica excepção deram por finda a guerra intestina e rodearam o governo para resistir ao perigo estrangeiro.

Esse perigo não é só da Venezuela é de toda America latina.

OS HYDROMETROS

Julgavamos ter que chegar tarde para tratar d'essa questão tão seria pela qual se apaixonou e preocupou intensamente a população inteira.

A ideia foi recebida desde a sua divulgação com protestos geraes. A corrente de resistencia foi se avolumando, a imprensa em unanimidade rara condemnou e combateu a iniciativa, a Camara recusou a sua approvação, no Senado ergueram-se vozes numerosas e respeitadas contra ella, especialmente o Sr. Ruy Barbosa, que produziu dous admiraveis discursos de combate sobre a agua por medida.

Emfim os brados de revolta contra semelhante procedente alcançaram tal força e energia que o proprio governo declarou pela bocca do Sr. ministro da Viação desistir de seu plano, attendendo as queixas de toda a população.

Foi um acto digno de encomios, uma concessão honrosa de um governo que não faz ponto de honra da questão de ser obedecido e attende com attenção á vontade popular.

Todos os corações se desopprimiram por que já se via na ameaça dos hydrometros e na exaltação dos espiritos perigos de alteração da ordem e da boa fama que rodeia o actual governo no inicio da sua espinhosa tarefa.

Foi isso no ultimo sabbado, mas depois

d'isso se soube, na quarta-feira, que a commissão de finanças do Senado Federal querendo ser mais realista do que o proprio rei, como se costuma dizer, fizera uma verdadeira capoeiragem para illudir a população e impingir-lhe os hydrometros.

Essa commissão substituiu o projecto de regulamento que restabelecia os hydrometros por uma emenda que tornara obrigatoria a todas as casas a instalação d'esses apparatus.

O clamor foi geral, o governo declarou renunciar a medida, e julgamos-nos todos livres do novo imposto sobre um elemento de que a cidade necessita na maior quantidade possivel. Mas a commissão do Senado não se deu por vencida e substituiu a emenda, que fizera, pela disposição primitiva, o que é quasi a mesma cousa.

Perceberam a manobra?

E o mais engraçado é a circumstancia d'essa teimosia cabeçada que se manifesta exactamenta no momento em que a falta d'agua se faz sentir mais do que nunca na cidade inteira.

No momento em que o governo annuncia o programma de sanear a cidade. Ora «não ha meio de combinar essas duas cousas: saneamento e cidade suja,» como muito bem disse o Dr. Barbosa.

No Rio de Janeiro é preciso que a agua seja superabundante para ser sufficiente. Precisamos da agua fartamente, agua que chegue para desperdiçar, para lavar diaria e abundantemente as ruas. Só assim, com o nosso clima, teremos uma cidade limpa, onde as epidemias não possam fazer a sua costumada obra annual.

Aos Srs. Assignantes, pedimos o obsequio de mandarem reformar as suas assignaturas, afim de não interrompermos a remessa da folha.

REFORMA MUNICIPAL

Até que por fim vamos tel-a!

Assim parece pelo menos. O projecto organizado de accordo com o governo passou na Camara em branca nuvem. No Senado a commissão de Constituição—por sua vez—appellou para a carencia de tempo para proferir a acceitação do projecto tal como está.

Nem os Baratas e Bernardos de Mendonças pretendem se oppor a tudo quanto está combinado.

E' como dizia aquelle rei de magica :

«Se está combinado, está combinado».

Em todo caso a reforma do districto vem a tempo para acabar com a situação insustentavel em que se acha essa infeliz cidade, com a metade de seu governo irregular, exquiritoria e discutivel.

Pelo menos moralmente, isso é desagradavel e queira Deus termine com o novo regimen legal.

Reforma do Districto Federal!

Quanto importa isso! Quanta cousa ha a fazer!

Quasi poder-se-hia dizer que se trata de organização e não reorganização porque governo é cousa que esta pobre Sebastionopolis nunca teve.

Vamos a ver se conseguimos ter agora quem execute as leis, faça observar as posturas, varra ao menos as ruas...

D'ahi pôde bem ser que tudo isso seja um sonho irrealisavel. A reforma é só no papel, na organização, a gente é a mesma e entre ella, por cada Leite Ribeiro, ha 50 empregaveis, molleirões, descuidados, nullos que só servem para acabar de desgraçar essa muito desmantelada *urbs*.

E já agora é razoavel fazer justiça a actividade e as boas intenções do Sr. Leite Ribeiro, que tem feito excellente figura e agrado geralmente.

Só não agrada á companhia Carris Urbanos cujo director veio para as secções pagas dos jornaes insultar e descompor o distincto prefeito interino.

Mas isso constitue mais um titulo a favor de S. S.

LOTERIAS

Foi um dos grandes assumptos da semana; a opinião publica tem andado de orelha em pé e olho alerta a ver em que paravam as modas.

O Sr. Ruy tem gastado rhetorica em caixões no Senado affirmando que a cousa peior que ha neste mundo são as loterias.

O que vale é que o Senado poz de parte a eloquencia do erudito bahiano que é muito bonita, mas não pegou.

Ainda bem, Ha quem queira acabar com as loterias mas depois sempre quere-

mos ver se é com rhetoricas que hão de sustentar os innumerados estabelecimentos de caridade que vivem do amparo das loterias.

Em torno d'isso, quanta intriga, Santo Deus, quanto «me disse, me contou,» quanto «dizes tú direi eu». Tem sido um barulho de seiscentos diabos.

Mas enfim a maioria venceu e as loterias ficam. E' uma felicidade principalmente para os inimigos do jogo.

Porque o jogo está a tal ponto na massa do sangue do povo que se o Zé Povinho não tiver mais loterias, joga em cousas piores.

Lá jogar isso ha de sempre *per omnia secula*...

O CASO DUGUAY-TROUIN

Lá que foi discutido, foi, não ha duvida alguma, discutidissimo, mas ainda assim com todo o fallatorio e todos os artigos provocados pelo caso Duguay-Trouin não se chegou a resultado algum.

Sabe-se que os Srs. Nuno de Andrade e Sabino Barroso prestaram-se a dar particularmente informações que não deveriam fornecer segunda vez, porque as mesmas já se achavam no boletim demographico-sanitario official da cidade, sabe-se que isso foi máo, foi uma complacencia inutil e leviana, mas o que não ficou ainda explicado foi o procedimento do Sr. ministro francez nesta capital.

S. Ex. vive aqui, sabe do que se passa ou pelo menos tem obrigação de sabel-o, recebe o boletim demographico e o lê, ou pelo menos tem obrigação de lel-o. Nessas condições para que diabo foi perguntar o que já sabia? porque rasão se dirigiu a um funcionario do ministerio do Interior quando sabe perfectamente, ou pelo menos deve saber que, só se deve dirigir ao Sr. ministro das Relações Exteriores?

Depois, tendo obtido o que queria do Sr. Dr. Nuno de Andrade appellando para a delicadeza, amisade e palestras *particulares*, como poudes S. Ex. um diplomata, faltar a todos os seus compromissos tacitos da amisade e confiança intimas, vindo em publico descobrir o procedimento do Dr. Nuno de Andrade que não foi absolutamente correcto por boa vontade e condescendencia para com elle, ministro?

E mais. Se S. Ex. tinha conversado com o Sr. Dr. Nuno de Andrade, S. Ex.



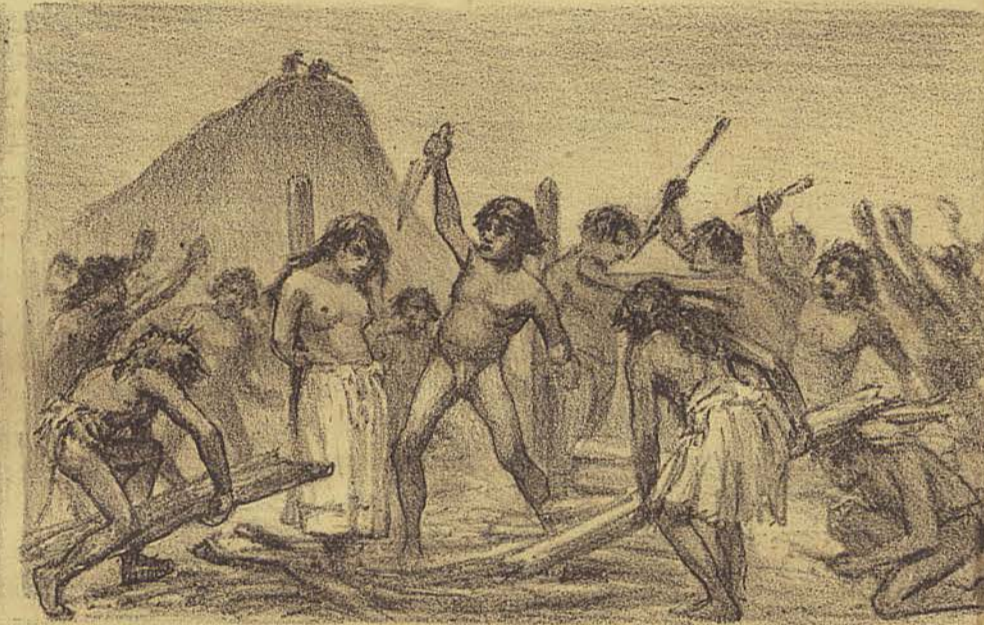
Depois de ter corrido pelo morro abaixo, Zé verificou que ninguém dera com o escondrijo em que puzera a fatiola e o seu machado. Para não perder tempo deixou-os ficar no mesmo lugar e seguiu caminho

Correndo sempre bem armado e de revolver em punho para prevenir o caso de alguém querer lhe impedir a passagem por bem ou por mal, desceu o morro com rapidez

Quando, de repente, deparou com dois índios, que também desciam, pareciam fallar do que havia havido com certo terror. Zé ficou sabendo que mais dois índios contariam a todos.

Quando desceu em lugares onde podia ficar a descoberto, elle abaixou-se o mais possível para não ser visto. Por causa das duvidas, foi seguindo os índios, pensando que elles iriam para o acampamento. E assim era.

E lá iam elles, e fallavam, dizendo coisas horriveis, sobre a sorte do grande chefe e dos que o seguiam! — Morreram todos, como haviam visto a dez metros de distancia, onde se achavam, tendo conseguido fugir sem saber como.



Apenas chegaram ao acampamento, expuzeram tudo o que sabiam: a morte do chefe e de mais companheiros e em seguida a destruição de todos quantos alli foram. Gritos de horror se fizeram ouvir de todos os selvagens. — A morte dos prisioneiros! bradavam, são elles a causa de tudo!

E logo dois índios dos mais ferozes precipitam-se contra elles, fazendo-lhes ver as armas com que haviam de cortar-lhe pouco a pouco as carnes. Outros índios, querendo vel-os morrer queimados, ascendiam a fogueira que se havia desarranjado.

Quando se preparavam para desfechar o primeiro golpe nos prisioneiros, no meio da gritaria infernal, os dois algozes sentiram-se fulminados e cahiram mortos. Os outros ao verem esse prodigio suppuzeram os prisioneiros sagrados, e um terror panico fel-os fugir espavoridos.

Fugiram, e os dois cahiram sobre os páus amontoados que em pouco formaram fogueira enorme. Inayá vendo as chammas aproximarem-se sentiu-se perdida e talvez suffocada pela fumaga do brazeiro, desmaiou. A Cham-Kam ia acontecendo o mesmo.



Quando de repente uma lamina cortou os cipós que prendiam suas mãos ao tronco, fazendo o mesmo as de Inayá, que foi levada para fora d'alli sem sentidos.

Então todos os cuidados foram empregados pelo Zé, ajudado por Cham-Kam, que apesar de victima dessa medonha scena de horror, conservou sempre um pouco de forças que applicou para salvar Inayá.

Quando esta veio a si e reconheceu Zé como seu salvador, d'ella saíram lagrimas de reconhecimento, de alegrias, por tel-o de novo em si foram tantas!... Ella o abraçou como a um paé.

Pouco depois dois vultos appareceram ao longe vindo do morro e foram se aproximando. O que é isto, disse Cham-Kam? — São os que mataram os dois índios que ficaram em torresmos na fogueira! Que boa gente! disse Cham-Kam — Bem te dizia, respondeu Inayá radianc.

sabia que havia peste, se tinha medo d'ella, que veio cá fazer o Duguay-Trouin?

Aquelle cruzador não tinha obrigação de vir ao Rio de Janeiro, ninguem o convidou, se não tivesse vindo ninguem choraria a sua ausencia.

Veiu pois exclusivamente para se conservar atraz da ilha do Governador escondido, sem communicar com a terra?

Veiu pois exclusivamente para nos aborrecer e intrigar.

Vá fazer semelhantes visitas á China!...

JOÃO CLAPP

No dia 11 do corrente falleceu em Petropolis João Clapp, um dos mais esforçados luctadores da campanha abolicionista em nossa terra. Foi elle um dos que mais trabalhou na organização da Confederação Abolicionista, um dos que mais dedicadamente preparou e tornou possível a victoria de 13 de Maio de 1888, conseguindo, antes da extincção completa da escravidão no Brazil dar a liberdade a centenas e centenas de escravos.

Morreu João Clapp, o seu nome deve ser abençoado por milhares de boccas e contudo, triste é verifical-o, o seu corpo ao baixar ao tumulo não teve o acompanhamento que era licito esperar; julgamos que fossem leval-o a ultima morada uma multidão d'esses por quem elle tanto fez, d'esses que lhe devem sua existencia de homem livres.

Assim não foi.

E' triste!

BELLAS ARTES

Na semana que hoje finda tivemos duas exposições de pintura.

O caso é digno de nota porque em nossa terra as exhibições d'esse genero são infinitamente mais raras do que as eleições e os escandalos parlamentares.

Luiz Fiuza, que regressou da Europa ha poucos dias, terminado o prazo da pensão obtida no concurso annual da Escola Nacional de Bellas Artes, apresentou os seus trabalhos ao publico, na galeria n. 2, daquella escola.

E os raros que lá foram não perderam o seu tempo. Fiuza se não voltou do velho mundo como artista extraordinario, tra-

zendo telas assombrosas, tambem não perdeu o seu tempo. E' hoje senhor da technica de sua arte, pintando com desembaraço e elegancia. Os seus estudos de modelo são francamente bons.

A outra exposição foi a do Sr. L. Ribeiro franqueada ao publico na rua do Ouvidor, no pavimento superior do café Cascata.

O Sr. L. Ribeiro é um artista laborioso e sincero, que procura ha algum tempo firmar o seu nome na especialidade de marinista e vai já conseguindo effeitos satisfactorios.

Pena é que essas duas exposições tenham estado ás moscas. Aparece por lá um ou outro apreciador, raro... e é tudo.

Decididamente é inutil insistir. O nosso publico não se interessa absolutamente por cousas d'arte.

Pobres d'aquelles que ainda se lembram de abraçar tal carreira neste paiz essencialmente... agricola.

ZÉ CAIPORA

No nosso escriptorio, temos a venda, desde o primeiro capitulo.

NOTICIARIO

Reina a paz em Carthago.

O Aero-Club depois de andar uns tempos fazendo fosquinhas a Santos Dumont, que por sua vez soltou-lhe a lingua como brasileiro e bom carioca, resolveu chegar-se as boas.

E' bem possível que sua nova attitude seja resultado do effeito causado pela manifestação de apreço que em toda parte, e principalmente em Londres, foram feitas ao nosso glorioso compatriota.

Essas homenagens não deixaram de ter algum character de censura ao Aero-Club de Paris, que durante mezes inventara chicanas e difficuldades com o intuito real de aborrecer o Santos Dumont.

Agora essa mesma sociedade renden publico preito ao arrojado inventor brasileiro num banquete que lhe offerceu e em brindes calorosissimos.

Ainda bem. Antes assim.

A reforma policial continua a ser muito discutida.

A imprensa tem lhe dedicado columnas e columnas, mares de tinta, na Camara os projectos amontoam-se com uma infinidade de emendas, substitutivos e additivos por cima.

Mas por enquanto não se póde ainda saber o que sahirá d'ahi.

Em todo caso desde já é licito louvar a Deus de gatinhas pelo plano da formação de uma guarda civil com os funcionarios divididos em trez classes, ganhando os da primeira 200\$, os da segunda 150\$ e os da terceira 100\$ por mez.

Parabens a quem quer impingir aquillo, como diz o outro.

Nestas condições já temos nós o corpo de agentes secretos que por signal toda gente póde conhecer na rua a primeira vista.

Não é possível acreditar que ninguem aceite o emprego de guarda civil com o intuito de viver honestamente do seu trabalho. Com 100\$ por mez só póde morrer de fome.

Só se os legisladores contam que os futuros zeladores da segurança publica, tenham imaginação e recursos para cavar a vida.

Nesse caso o ordenado será um gancho e o serviço ha de ser uma belleza por ahi alem.

Ora dá-se.

Não haverá meio d'esta gente comprehender que quem quer serviço bom deve pagar bem!

* *

Felizmente isso tudo ainda está em discussão e ainda póde tomar geito.

Até hoje as reformas policiaes têm só se limitado a contradança, demissões e nomeações de delegados e inspectores.

Entre os que sahiram, principalmente d'estes ultimos, muitos não deixam saudades a ninguem, mas infelizmente a perda de outros é notavelmente sensível para a população, como por exemplo o afastamento do Sr. Dr. Ayres da Rocha das funções de delegado, que elle durante muitos mezes exerceu com moderação, cavalheirismo, zelo e competencia notaveis.

Uma autoridade assim prestigia a lei, dignifica-a e abandonando o seu espinhoso cargo, deixa sympathias e faz notar falta consideravel.

* *

E' que nem todos são assim.

Alguns são exactamente o contrario, como por exemplo aquelle homemzinho fe-

roz que estava a frente da 3ª delegacia, se não me falha a memoria, e fez em um pobre diabo de preso cousas do arco da velha.

Encarregou dous inspectores de levar o desgraçado ao campo de Sant'Anna alta noite e ahi deixal-o depois da applicação de surra mestra que o deixasse por terra.

Os inspectores recuaram diante de tamanha barbaridade. O delegado ficou como uma bicha. Mandou espancar a victima á sua vista e para afogar os gritos de dor e de socorro amordaçou-o com um trapo imundo.

Todos os jornaes diarios contaram o caso e bradaram aos céus.

O Sr. Dr. Chefe de Policia á vista do escandalo tomou uma providencia energica. Transferiu o delegado féra para outra circumscripção mais afastada do centro da cidade.

Naturalmente para que a reportagem bisbilhoteira não vá metter o nariz na alta policia de S. Exa.

Já se sabe que o Senado tem passado dias e dias a discutir o caso das loterias, que o governo afinal não pode dispensar por que não está em condições de amparar e sustentar todos os estabelecimentos de caridade e beneficencia que vivem d'aquellas.

Em compensação, enquanto exgotaram horas e horas, sessões e mais sessões, com palavriados que não rimam com cousa alguma, estava o projecto da reorganisação do Instituto Nacional de Musica, uma providencia urgente, inadiavel, dormindo na pasta da commissão de finanças, que só deu o seu parecer na ultima quinta-feira.

Felizmente o Sr. Glycerio obteve dispensa de impressão d'esse documento para que o mesmo entrasse em discussão logo no dia seguinte.

O peor é que a commissão fez emendas, emendas inuteis que não modificam o projecto, mas obriga-o-hão a voltar á Camara.

Assim esperam os pais da patria que a cousa não possa passar ainda este anno.

Benza-os Deus!...

Seria faltar á mais elementar justiça se o D. Quixote não aproveitasse a occasião em que o Sr. Dr. Thomaz Cockrane, assume o seu novo logar, por ter deixado o cargo de secretario da presidencia da Republica, para apresentar a S. Ex. sinceras felicitações pelo modo correcto, zelo, actividade e competencia com que preencheu por quatro annos o seu espinhoso e delicado cargo.

Durante esse longo periodo, o Sr. Dr. Cockrane só colheu preitos de consideração e louvor, satisfazendo a todas as exigencias de sua elevada posição de maneira a mais brilhante e distincta.

THEATROS

Tres vezes nada—cousa nenhuma.

Foi este o movimento theatral da ultima quinzena.

A unica companhia que nos resta, a do Sr. Dias Braga, que tambem se prepara para partir, em excursão pelo interior, conforme o seu habito immemorial, não nos deu nada de novo depois da comedia do Dr. Cunha e Costa que vai indo assim, assim, como Deus é servido, dando conta do seu recado, da obrigação, como se diz nos bastidores.

Para os beneficios que não são poucos (benza-os Deus) a empresa tem excavado no seu opulento e vetusto repertorio dramalhões coma a *Fragata Meduza* e outros.

Eis tudo quando houve na Capital da Republica em materia theatral durante quinze dias.

Ontra novidade, essa futura, é a proxima reabertura do velho theatro Principe Imperial.

Isto é, theatro um modo de dizer. Aquillo nunca passou de uma barraca incommoda, quente como um inferno, de aspecto ridiculo e desageitado servindo impropriamente de casa de espectaculos.

Em todo caso alli fulguraram nomes aureolados pela popularidade, alli imperou nos seus melhores tempos a saudosa Ismenia dos Santos.

Depois aquelle casebre da Praça Tiradentes teve nova epocha fulgurante com o nome de *Theatro Variedades*. Primeiro com a companhia comedias do engraçadissimo Guilherme da Silveira, depois com a companhia apparatusa da mesma Sra. Ismenia, que já então feita emprezaria deu ao publico carioca um fartão de trololó e fantasmagoria com os rendosos *Frei Santanaz*, *Maçãs de ouro* etc.

Nesse tempo alli tambem a opereta teve brilho raro. O *Rei que damnou* foi levado a scena a maneira mais brilhante que temos visto.

Ultimamente a cousa desceu mais ainda, aquillo desceu a café cantante, chamou-se *Moulin Rouge* e formigou de *chanteuses excentriques*, athletas e malabaristas.

Agora querem regenerar a velha casa. Chismaram-na com o nome de S. José (?)

não se sabe porque illação ou raciocinio e lá vai estrear no dia primeiro do anno de 1903 uma companhia de dramalhão.

* * *

Em Lisboa foi representada um dia destes a burleta de costumes cariocas *A Capital Federal*.

Quem escreveu estas linhas não faz absolutamente ideia do que será a interessante peça de Arthur Azevedo representada por uma companhia lisboeta.

Mas os telegrammas recebidos pelo auctor não permitem duvidas sobre o excelente exito obtido na capital portugueza pela *Capital Federal*.

Ora muito bem; já era tempo de exportar a producção nacional. Nós que constituimos uma grande parte do publico fiel aos escriptores portuguezes, deveríamos ter feito isso a mais tempo.

NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos :

— A *Estação* o primoroso jornal de modas publicado pela acreditada casa Lavignasse. O numero de 15 do corrente, alem do costumado supplemento litterario illustrado, tras o supplemento das licções de trabalhos de agulha e a valsa *Syrius*, composição da Sra. D. Marietta Leite Gastão, premiada no concurso aberto pela *Estação*.

— A *Revista do Norte* n. 31, do anno II d'essa caprichosa revista editada no Maranhão pelos Srs. Alfredo Teixeira e Antonio Lobo. O presente numero é digno da boa fama da *revista*.

— *Sporteman* nova revista de attlectismos. órgão do Club de Esgrima « Maraniello Parise », que se publica em S. Paulo.

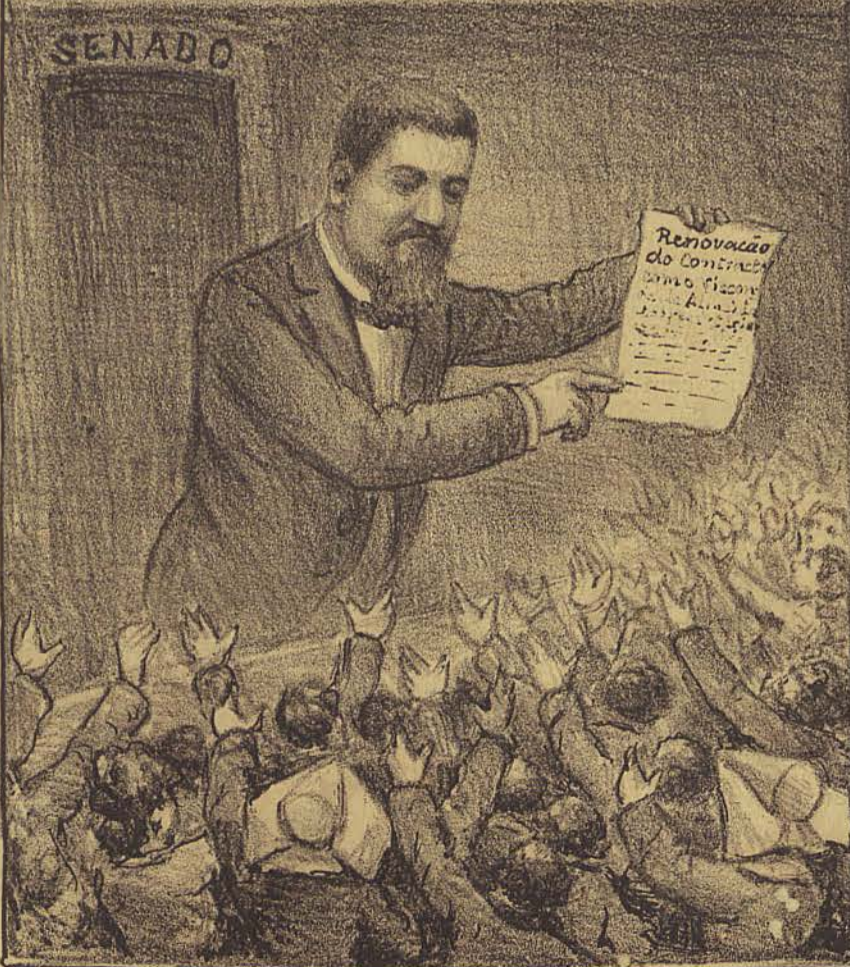
— *Chromos* n. 3 d'uma revista litteraria publicada em S. José do Rio Tinto (S. Paulo).

— Da casa Reynaud recebemos o n. 24 do jornal de modas *O Brazil Elegante* a graciosa folhinha de desfolhar.



JOÃO CLAPP

Presidente da Confederação Abolicionista. - Fallecido em 11 de Dezembro de 1902, em Petropolis.



Estão satisfeitos?... diz o Sr Glicerio. Muito, muito, e palmos cobrem o seu defensor, no Senado.
 Pois olhem, não foi sem trabalho, mas quando quer uma coisa justa, contem com ella.

Dr Affonso Penna
 Candidato escolhido pela Convenção
 para Vice Presidente da Republica